

JOÃO VENTURA

O CIDADÃO SEM SOMBRA



Editorial Divergência

Novembro de 2025

FICHA TÉCNICA

Título: O Cidadão Sem Sombra

Autor: João Ventura

Coordenação editorial: Rogério Ribeiro e Arlete Gomes

Edição: Rogério Ribeiro

Revisão: Arlete Gomes

Artista de capa: João Rodrigo Carvalho

Composição: Helena Pereira e João Rodrigo Carvalho

ISBN: 978-989-9306-86-8

Este livro foi composto pelos tipos:

Palatino Linotype e Amandine

©2025 Grupo Editorial Divergência

©2025 João Ventura

©2025 Helena Pereira

©2025 João Rodrigo Carvalho

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Grupo Editorial Divergência

Centro de Negócios de Ansião, Gabinete 8

Parque Empresarial do Camporês

3240-465 Chão de Couce

Portugal

Website: <https://divergencia.pt/>

E-mail: geral@divergencia.pt

Telefone: 928 155 850

O Grupo Editorial Divergência e Editorial Divergência são marcas da DNL Convergência, Lda.

Este livro foi criado por humanos, para humanos. Nele, não foi utilizada inteligência artificial generativa, e proibimos que o seu conteúdo e arte sejam utilizados para o treino e desenvolvimento de modelos e tecnologias de inteligência artificial.



**Financiado pela
União Europeia
NextGenerationEU**

JOÃO VENTURA

O CIDADÃO
SEM SOMBRA

PREFÁCIO

Sete anos separam a publicação, pela Editorial Divergência, dos dois volumes de contos de João Ventura. Sete anos, uma pandemia desconcertante, e uma mudança radical de mundividência na esfera dos famosos e poderosos, que vieram demonstrar que o Universo nos consegue sempre surpreender pela negativa. Isso, e que estamos no momento certo para mais uma dose bem medida da prosa ágil e acutilante de João Ventura!

A primeira colectânea de contos foi uma aposta ganha. Aliás, isso ficou evidenciado logo no lançamento, no Fórum Fantástico 2018, perante a sala cheia e a longa fila de autógrafos. Organizada para ser percorrida como uma refeição de múltiplos paladares, apelidada de *Tudo Isto Existe*, demonstrava o sentido apurado do autor para conjugar a tradição literária de Jorge Luís Borges, Italo Calvino e Julio Cortázar com o nosso sentido próprio, muito português, de deprecação.

Este segundo volume traz-nos mais súplicas e rogos, perante um Universo, a maior parte das vezes, indiferente.

As duas primeiras secções são dedicadas a como a nossa existência mundana encontra na sociedade um ambiente

crescentemente hostil, regido pela nossa impaciência nas relações humanas e pela frieza da economia. Salvem-nos os gatos!

A seguir, na típica versatilidade de João Ventura, vamos do fantasismo que desafia a realidade, como num quadro de Magritte, à ciência que transcende as suas leis, em devaneios que seriam bem apreciados por Edwin Abbott. Tal como numa temporada de *Black Mirror*, a personalidade das tecnologias que nos começam a dominar tem também aqui uma secção dedicada.

A literatura, as palavras, os livros e o hábito da leitura não poderiam deixar de merecer uma secção nesta colectânea, sendo uma estrutura fundamental em toda a criação do autor. E, por fim, tal como anteriormente, o digestivo é servido por microcontos, qual espuma dos dias.

Fica o desejo de que o relâmpago caia pela segunda vez sobre a obra de João Ventura, repetindo o sucesso do primeiro volume.

Estamos cada vez mais precisados de quem nos relembre a dignidade do indivíduo e a responsabilidade do colectivo. Mesmo que, agora com *O Cidadão Sem Sombra*, o esgar daí resultante possa ser simultaneamente de riso e de dor!

Rogério Ribeiro
Algures a 35.000 pés de altitude,
23 de Agosto de 2025

I Notícias do meu Bairro

NOTÍCIAS DO TRÂNSITO

Ifigénio Branco gostava muito da estrada — de facto, oficialmente, uma avenida — onde todos os dias passava no ir e vir entre casa e trabalho.

A Avenida das Acácias — Ifigénio gostaria de conhecer o responsável por esse nome, para lhe agradecer o rasgo de imaginação — era uma via que ligava a urbanização periférica onde residia com a auto-estrada que depositava o fluxo diário de tráfego nas entranhas da cidade.

Era, na opinião de Ifigénio, uma avenida bonita, que consistia essencialmente numa recta, uma curva e outra recta, sempre ladeada de prédios de habitação económica. A única relação com o nome era, de onde em onde, uma árvore raquítica, criando o necessário contraste com o betão. A paisagem era ainda complementada pelos múltiplos *graffiti* que ao longo dos anos se tinham multiplicado sobre as paredes.

Um único facto entristecia Ifigénio todas as manhãs: a Avenida das Acácias nunca ser mencionada no noticiário sobre o trânsito. Ele era a IC19 engarrafada, ele era a Via de Cintura Interna com problemas, a A23 com um ocasional despiste, a A1 com trânsito lento no sentido Norte-Sul, o tráfego na A2 a arrastar-se a partir da segunda ponte do Feijó, a Segunda Circular, tudo aparecia na rádio, excepto a Avenida das Acácias.

SÓ CULTURA, SÓ CULTURA, JÁ CHATEIA!

Aníbal, meu vizinho, estava ainda mais furioso do que era costume.

— Sabes a que horas deram ontem os resumos dos jogos da 1ª liga? Às duas da manhã! Eu também tenho direitos, também pago impostos! E não consigo ver aquilo que gosto... Apanhei uma entrevista com o ministro da cultura, um filme português, um programa sobre o lince ibérico, e nem uma noticiuzinha sobre futebol...

Entrámos no Café do António, pedimos duas bicas, e o Aníbal dirigiu-se à ponta do balcão onde estão os jornais. Olhou-os e perguntou ao empregado:

— Luís, *A Bola*?

— O meu patrão deixou de a comprar, senhor Aníbal. Poucos clientes a liam...

O Aníbal deitava fumo!

— Vês? Até o António..., – e furioso, mostrava-me o *Jornal de Letras*, o *Monde Diplomatique*, suplementos culturais... – Só merda, pá!, – concluiu baixando a voz, para evitar os olhares reprovadores de alguns clientes.

Pagámos os cafés e saímos, ele a caminho do Metro e eu da paragem do autocarro. Passámos no quiosque dos jornais. O Aníbal não desiste facilmente.

— Bom dia, senhor Fernando, tem *A Bola*?

CENAS DO MEU BAIRRO

Os nossos problemas começaram com a Universidade para a Terceira Idade.

Mas é melhor começar pelo princípio: o nosso bairro é ótimo, um bocado envelhecido, mas toda a gente se dá bem.

É na leitaria Estrela do Bairro, do Sr. António, que nos costumamos encontrar todas as tardes. Aí ou, estando bom tempo, nos bancos do jardim em frente.

Uma tarde, apareceram uns jovens que nós já conhecíamos porque trabalhavam como monitores nalgumas actividades promovidas pela Junta de Freguesia. Traziam uns papéis de uma coisa chamada Universidade para a Terceira Idade.

O primeiro a inscrever-se foi o Antunes. Contabilista reformado — é sempre ele que faz as contas quando jogamos às cartas ou ao dominó —, inscreveu-se no curso de Economia e Gestão, e ficou particularmente interessado numa disciplina que se chamava “Economia para um mundo global”.

Quando veio da primeira aula parecia outro. Vinha maravilhado com o professor, “um rapaz novo, mas já com um MBA da Católica, vejam lá vocês!”. À segunda vez que disse que estava a gostar muito de fazer aquela cadeira, o Sr. Firmينو atirou-lhe: “Mas, ó Antunes, você agora é carpinteiro?”. Foi uma fartadela de riso, mas ele afinou, e o que safou a situação

foi que a televisão começou a dar o desporto e todo o pessoal se calou para ver os resumos dos jogos.

E semana a semana, a situação foi-se degradando. Quando veio da terceira aula, começou com uma conversa de privatarizar o banco que fica no sítio mais abrigado do jardim, para depois o alugar aos quartos-de-hora. Mas a Dona Etelvina que gosta de se sentar nesse banco a dar milho aos pombos e usa uma bengala grossa, foi-lhe dizendo: “Se me aparece alguém a dizer que tenho de pagar para me sentar naquele banco, leva logo uma bengalada.” E acompanhou a frase com um gesto ilustrativo, o que levou o Antunes, prudentemente, a deixar de falar no assunto.

Mas foi sol de pouca dura. Na semana seguinte já estava a tentar convencer o Sr. António a instituir consumo mínimo na leitaria, ou a alugar *A Bola* e o *Record* que estão sempre em cima do balcão para os clientes lerem.

O sr. António, que veio de Unhais da Serra aos 8 anos trabalhar como marçano, depois como empregado de mesa, até conseguir montar o seu próprio estabelecimento, olhou-o muito sério e disse: “Sr. Antunes, nunca ouviu dizer que ‘quem sabe da tenda é o tendeiro’?”. E, deixando-o a digerir o provérbio, foi passar o esfregão pela base da máquina de café.

À medida que o curso avançava, o Antunes foi piorando. A meio do semestre, depois de ter tido uma boa nota no teste — e já ninguém podia ouvir contar outra vez que o professor tinha elogiado, perante a turma, o seu desempenho — veio com outra ideia: lançar uma OPA sobre a mesa e as cadeiras existentes debaixo do caramanchão, onde o grupo da sueca, como lhe chamamos no gozo, gosta de passar as tardes de Verão a bater as cartas.

Obviamente que o grupo considerou a OPA hostil, e um deles, o Joaquim Baleizão, que foi pastor em novo, prometeu-lhe que na próxima vez que viesse com aquela conversa era corrido à pedrada. O Joaquim é homem para acertar numa lata vazia a vinte metros, pelo que o Antunes decidiu bater em retirada, res-

ELEUTÉRIO E O ESCRITOR FAMOSO

Para a Regina, que me deu a ideia...

Eleutério descobriu quase por acaso que o escritor famoso ia jantar habitualmente à Estrela da Junqueira — Refeições e Petiscos.

Eleutério era um grande admirador do escritor famoso. A prateleira de cima da estante comprada no IKEA vergava com o peso das obras primas produzidas pelo escritor famoso, e colado na parede por cima da televisão estava uma foto do escritor famoso em pose contemplativa, publicada há alguns anos no suplemento literário de um jornal diário.

Sempre que possível, Eleutério escolhia uma mesa ao lado, olhava disfarçadamente o que ele estava a comer e escolhia o mesmo, trocavam um aceno de cabeça e um sorriso à chegada ou à partida, até que a oportunidade se proporcionou num dia de jogo europeu. A Estrela da Junqueira estava cheia de adeptos para ver o jogo no plasma que o senhor Joaquim — dono e gerente do restaurante — tinha comprado recentemente, e o único lugar vago era na mesa ocupada por Eleutério. Este fez um gesto convidativo e uns segundos depois concretizou-se a sua aspiração de muitos anos: jantar em frente do escritor famoso.

Eleutério foi habilidoso: conversa de circunstância, alguns comentários sobre o jogo que se desenrolava e que ambos iam observando de forma distraída, um “Boa noite” mais caloroso à despedida. Eleutério ficou a saber o clube da simpatia do escritor famoso, e isso levou-o a passar a comprar jornais desportivos, onde se ia informando sobre o que ia acontecendo ao referido clube, o que poderia vir a revelar-se útil numa futura conversa.

Eleutério tinha da sua vida uma perspectiva altamente fantasiada. Considerava a maior parte do que lhe tinha acontecido, mesmo os acontecimentos mais triviais, como merecedores de divulgação. Quando começou o programa de televisão “A minha vida dava um filme” ainda pensou em candidatar-se, mas teve receio de que o formato televisivo não fizesse justiça ao seu percurso de vida.

Nunca pensou em relatar ele próprio esses acontecimentos pessoais porque se considerava manifestamente incapaz nas artes da escrita — e por uma vez tinha uma opinião correcta acerca de si próprio. Mas começou a acalentar um sonho: o de ver os acontecimentos marcantes da sua vida postos em letra de forma pelo escritor famoso.

E na consolidação da sua estratégia de aproximação, uma nova janela de oportunidade surgiu com a transmissão de outro jogo europeu e a (previsível) sobrelotação da Estrela da Junqueira, levando à partilha de mesa entre Eleutério e o escritor famoso. Aproveitando uma pausa na degustação dos carapauzinhos fritos com arroz de tomate — uma das especialidades da Dona Genoveva, mulher do senhor Joaquim e responsável pela cozinha — prato que ambos tinham pedido, e que Eleutério tinha passado a comer à mão seguindo o exemplo do escritor famoso, Eleutério disse, sem colocar grande ênfase na afirmação: “Sabe, senhor doutor” — era sempre assim, respeitosamente, que se dirigia ao escritor famoso — “a minha vida dava um livro”.

Este, cuja mão esquerda transportava um carapau, habilmente seguro pelo rabo, a caminho da boca, suspendeu

A VIDA ESTÁ DIFÍCIL PARA TODOS...

O chefe estava bravo, num daqueles dias em que o melhor é ouvir e calar!

“Uma vergonha! Vocês têm a lata de chegar aqui depois de uma noite de trabalho e entregar-me cento e cinquenta e três euros?”

“Oh chefe, não temos a culpa de no quiosque dos jornais a registadora estar quase vazia. E o restaurante que assaltámos a seguir também tinha pouco dinheiro; disse o dono que hoje a maior parte dos clientes paga com cartão...”

O Fusca bem podia ter ficado calado! A cara do chefe ficou mais encarnada e ele berrou:

“Não quero cá desculpas esfarrapadas. Eu estou a perder dinheiro com vocês e isto não pode continuar assim. Vou ter de cortar nas despesas!”

Olhámos uns para os outros, com receio do que iria sair dali.

“Primeiro, *downsizing* e *outsourcing*. Vamos passar a usar mão de obra temporária para a condução dos carros.”

O Mãozinhas, que é habitualmente o condutor, encolheu-se todo e perguntou a medo: “E eu, chefe?”

“Vais ter de te ir embora. O colégio onde andam os meus filhos precisa de um motorista para a carrinha de transporte dos miúdos. Vais lá inscrever-te, que eu dou um toque ao responsável dos recursos humanos do colégio.”

SILLY SEASON

Adriano, o jornalista de serviço na estação XXL, estava preocupado: para o noticiário das 8 tinha recebido quatro notícias das agências, às 9 só tinha duas, às 10 uma e tinha conseguido respigar um *fait-divers* de um dos matutinos. Às 10 e trinta e cinco, era claro que as fontes de informação tinham secado, isto é, nada acontecia, e Adriano começou a ficar angustiado ante a perspectiva de chegar ao noticiário das 11 sem ter notícias para dar, o que seria um acontecimento inédito na XXL (“a estação sempre em cima do acontecimento! Pam! Pam! Pam!”).

Às 10 e 45 tomou uma decisão: tinha de haver pelo menos uma notícia. Meteu no leitor um CD dos Ugly Boys, começando com a faixa “There’s going to be trouble”. Olhou em volta, viu o cinzeiro de pé alto, tomou-lhe o peso. Com o cinzeiro bem agarrado na mão esquerda (Adriano era canhoto) saiu do estúdio, desceu a escada e quando chegou à rua, observou com ar apreciativo a fila de carros estacionados ao longo do passeio. Metodicamente, usando o cinzeiro como uma clava, foi deixando marcas em todos: o BMW azul ficou com o pára-brisas estilhaçado, o Corsa com uma porta metida dentro, o Peugeot sem o farol direito e o vidro de uma janela, e assim sucessivamente, vidros partidos, chapa amolgada, sem verdadeiramente apontar, limitando-se a dar balanço ao cinzeiro e fazê-lo bater como calhava. Ao fim de 12 ou 13 parou, deu meia-volta e regressou calmamente ao estúdio.

ESTÓRIA COM GATOS

Estavam três gatos no beiral de um telhado: um gato filósofo, um gato artista e um gato comum.

O gato filósofo foi o que miou primeiro. Dissertou detalhadamente sobre o significado da vida de gato, e o modo como ela contribui para o equilíbrio do universo. Tinha feito um retiro espiritual num mosteiro zen, e tinha aprendido sobre o *yin* e o *yang*, e o desprendimento, e a iluminação que se atinge depois de muito meditar e se conseguir ver para além das ilusões.

Em seguida, miou o gato artista, e disse da suprema beleza da noite com o luar a brilhar sobre os telhados, de como o miar de uma gata com cio representava, para ouvidos artisticamente treinados, música das esferas, do prazer estético que se podia fruir observando um salto bem preparado do ramo da árvore para cima do muro.

Miou por último o gato comum, que disse que tinha apreciado os miados dos seus distintos colegas, mas que todos os seus considerandos eram vazios de sentido se ao escutá-los ele não tivesse já um pardalito ou pelo menos um ratinho a aconchegar-lhe o estômago. Filosofia e arte muito bem, mas não de barriga vazia!

Ouvindo isto, os dois distintos colegas não puderam deixar de miar longamente, expressando a mais profunda concordância.

II
**É a economia,
estúpido!**

A CRISE NO MEU BAIRRO

Xico Melenas, nado e criado no bairro, era a agência de *rating* local, informando o Joaquim da mercearia Pérola da Travessa e o Antunes da leitaria Alvorada sobre a capacidade de endividamento dos vizinhos.

A crise rebentou naquela manhã em que o Zé Grande entrou na leitaria e pediu um bagaço.

“Não te posso fiar mais”, disse o Antunes.

“E porquê?”

“A tua notação baixou de AA+ para BB-.”

Zé Grande largou um palavrão, virou costas e saiu dessembestado.

Coisas do destino: à saída da leitaria quase choca com o Xico. Sem aviso, com a raiva acumulada da ressaca, deu-lhe um murro que o deitou ao chão, ficando agarrado ao nariz que sangrava. E avisou-o:

“Se tornas a baixar-me a notação, levas dois!”

Agora o Xico lamenta-se a quem o quer ouvir que um bairro tão atrasado ainda não esteja preparado para o capitalismo moderno.

EM DEMANDA DA REFORMA ESTRUTURAL

Gervásio Dias ficou muito confuso com a campanha eleitoral. Verificou que todos os partidos propunham “reformas estruturais”, mas ele, Gervásio, não conseguia perceber o que eram essas reformas. Então Gervásio decidiu iniciar a demanda da reforma estrutural.

Pesquisou com cuidado as ofertas de formação existentes, e inscreveu-se no Mestrado do Instituto de Formação Avançada para Gestores e Políticos. Os formadores vinham da Goldman Sachs, das agências de *rating*, de Wall Street, do Fundo Monetário Internacional... Gervásio foi progredindo pelos diversos módulos lectivos, conhecendo pessoas, estabelecendo relações, avançando no seu caminho, sempre na demanda da reforma estrutural.

Quando terminou o curso, Gervásio foi recebido pelo director do Instituto, que o felicitou e o conduziu ao *Sanctum Sanctorum* do Instituto, uma sala de acesso muito restrito onde eram guardados os arquétipos de todos os conceitos que os políticos e economistas modernos têm vindo a aplicar de forma intensiva.

O director dirigiu Gervásio para um cofre finamente ornamentado, e disse-lhe: “Chegaste ao fim da tua demanda. Aqui tens a Reforma Estrutural.”

CAPITAL HUMANO

“Está ali, senhor comissário”, dizia em voz baixa o gerente da dependência, apontando disfarçadamente.

O comissário olhou e viu um homem metido num saco-cama, sentado num sofá. Nas mãos tinha um livro de que lia passagens, interrompendo de vez em quando a leitura para passear o olhar em volta, observando ora os clientes, ora os cartazes anunciando os diversos produtos financeiros disponibilizados pelo Banco.

“Violento?” perguntou o Comissário.

“De forma alguma”, respondeu o gerente. “Entrou quando abrimos a porta, trazia uma pequena mochila às costas e um saco plástico na mão, enfiou-se no saco-cama e sentou-se ali...”

“Bem, vou falar com ele. O senhor fique aqui.”

O agente da autoridade dirige-se ao homem sentado. O gerente, afastado, observa.

“Bom dia, sou o comissário Neves, da PSP. O senhor é...?”

“António Lima, senhor comissário.”

“Senhor Lima, pode explicar-me porque se instalou desta forma aqui no Banco?”

“Com certeza, senhor comissário. Já podia ter explicado ao gerente, se ele estivesse menos nervoso e me ouvisse, em vez de estar sempre a dizer em voz baixa *vá-se embora! vá-se embora!*”

III

Histórias do Tempo e da Atmosfera

OLHÓ BALÃO!

Quando acordou naquela manhã, Maria João — ou apenas João, como ela preferia — sentiu-se contente. Apetecia-lhe cantar, ou assobiar, coisa que ela fazia com frequência para irritar o irmão mais novo, que não conseguia assobiar tão bem como ela.

De repente lembrou-se porque se sentia contente. Era domingo, e dia de feira. Arranjou-se rapidamente, comeu a tija de flocos num instante e saiu de casa, dirigindo-se para o terreiro, onde os feirantes costumavam montar as suas tendas e bancadas.

Logo à entrada da feira estava o vendedor de balões. A João adorava balões, e aproximou-se a correr. Eram lindos, de cores vivas, e com a moeda apertada na mão enfiada no bolso do vestido, a João perguntou:

— Oh senhor, quanto custa um balão?

O vendedor usava um chapéu de palha enfeitado com uma pena de pavão e tinha um bigode preto retorcido nas pontas. Olhou para a João e disse:

— São todos a um euro, menos este — e apontou para um balão branco no meio dos outros.

— E esse quanto custa? — perguntou a João.

— Vinte cêntimos.

— E porque é mais barato do que os outros?

— Porque é mágico — disse o vendedor, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— Então é mágico e é mais barato?

— Claro — disse o homem, com o ar de quem sabe tudo sobre balões mágicos — os balões mágicos são sempre mais baratos.

A João pensou que, mesmo que fosse aldrabice, que era o mais certo, poupava 80 cêntimos, que podia gastar noutra coisa.

— Então dê-me esse — e deu a moeda ao homem.

Quando este lhe estava a entregar o balão e o troco, a João ainda perguntou:

— E que diferença faz ser mágico?

— Isso és tu que tens de descobrir — disse-lhe o vendedor com um sorriso.

João saiu dali, e quando ia saltitando a caminho de casa, ouviu uma voz:

— Olá, menina, deixa-me subir.

João olhou à volta, mas não viu ninguém. E novamente a voz:

— Sou eu, o teu balão!

João olhou para o balão e disse:

— Mas os balões não falam!

— Mas eu sou um balão mágico, lembras-te?

— E como é que te faço subir?

— Diz ao fio para esticar.

A João não queria que alguém a visse a falar sozinha, e pensou:

Fio, estica.

E imediatamente o fio começou a esticar, a esticar, e o balão a subir, a subir. A João assustou-se, e disse:

— Pára!

O balão parou, muito alto no céu. E a João disse:

— Desce!

E o balão desceu até se imobilizar na posição onde estava no início.

Isto é engraçado, pensou a João, e no caminho para casa continuou a experimentar, falando com o balão e fazendo-o subir e descer algumas vezes.

Ora, na terra da João o tempo era muito esquisito. Uma vez amanhecia sem nuvens, com um sol radioso, e a meio da manhã já estava a chover a cântaros. Outras vezes estava tanto frio que parecia que ia nevar e uma hora depois fazia um calor de rachar. As pessoas quando saíam de casa nem sabiam como haviam de ir vestidas, nem se deviam ou não levar o guarda-chuva.

Nessa tarde, a João teve uma ideia: fazer subir o balão e pedir-lhe que perguntasse às nuvens como iria estar o tempo no dia seguinte. E assim fez. Saiu para o quintal em frente à casa e fez subir o balão até quase deixar de o ver, lá no alto, no meio das nuvens. Deixou passar algum tempo e mandou-o descer. Quando chegou cá abaixo, o balão disse-lhe:

— Amanhã vai fazer bom tempo.

— Quem diria, com estas nuvens tão negras — pensou a João. E no dia seguinte todos os seus amigos foram para a escola de impermeável ou guarda-chuva, e a João foi a única a chegar vestida para um dia de Verão. E é que fez calor nesse dia!

Com o passar dos dias, as outras pessoas foram descobrindo que a João conseguia acertar sempre com o tempo que ia fazer no dia seguinte, e perguntavam-lhe antes de pôr roupa a secar no estendal, ou de fazer um piquenique no campo... e ela logo dizia o que entretanto tinha sabido através do balão mágico.

Porém, todas as coisas têm um tempo de vida — incluindo os balões mágicos — e, um dia, o balão da João aproximou-se demasiado dos ramos bicudos de uma árvore e rebentou.

Mas por essa altura já a João tinha decidido o que queria fazer quando crescesse: prever o tempo.

E assim, quando virem na televisão aquelas senhoras que explicam se amanhã vai fazer sol ou chuva, uma delas é a João, que estudou muito e tirou um curso onde aprendeu as maneiras de prever o tempo utilizando os computadores e as imagens dos satélites e tudo isso...

Às vezes não acerta, mas isso é porque agora já não tem o balão mágico para a ajudar...

A VACA QUE VOOU PARA LONGE

Começaram a chamar-lhe Tonta, e o nome pegou. Ainda bezerra, enquanto as outras não largavam as mães, ela afastava-se a correr, aos pinotes, até ao limite do prado. Era a mãe que tinha de ir atrás dela, para a obrigar a alimentar-se.

— Quando crescer vai tomar juízo, diziam as tias para consolar a mãe.

Cresceu, tornou-se uma vitela, mas o seu comportamento continuou a ser estranho. Enquanto as primas pastavam, pachorrentas, ela ficava de nariz no ar, a ver passar as nuvens. Mas o que a deixava pasmada era ver os gansos, habitantes do lago vizinho, quando voavam em bando por cima da manada.

Começou a conversar com o Riscado, um dia que ele caminhava junto dela, naquele passo meio desajeitado, apanhando rapidamente com o bico os gafanhotos que saltavam da erva, assustados com a mastigação ruidosa. Mugido de um lado, qua-qua do outro, ao fim de algum tempo falavam como velhos conhecidos.

Com uma ponta de inveja, Tonta perguntava-lhe muitas vezes como era a Terra vista lá de cima. Até que um dia lhe confessou:

— Como eu gostava de voar!

E o Riscado disse-lhe:

— Se tu quiseres, se verdadeiramente quiseres, podes voar.

Tonta pensou não ter ouvido bem.

— Voar como?

— Basta quereses — disse ele, e arrancou a correr e a bater as asas, até descolar num voo elegante, subindo rapidamente para junto dos irmãos.

Tonta ficou a matutar naquilo. *Eu quero voar, eu quero voar*, pensava para si própria enquanto pastava, enquanto ia à ordenha, a toda a hora. Até a dormir sonhava com isso. E aos poucos foram-lhe aparecendo no lombo duas pregas que foram aumentando de tamanho.

O dono das vacas chamou o veterinário. Este mediulhe a temperatura, auscultou-a, mas não atinou com a causa do fenómeno.

— Ela dá menos leite? Anda sonolenta? — perguntou o veterinário. E o dono que não, que não.

— Então deixe passar mais uns dias, a ver o que isto dá. De qualquer forma, pode sempre mandá-la abater...

Tonta foi ter com o amigo, preocupada. Quando Riscado a viu, começou a rir.

— Eu não te disse que conseguias? Isso são as tuas asas que estão a nascer.

— E agora, que é que eu faço?

— Agora tens de treinar. Mais logo, quando as outras estiverem a dormir a sesta, vai ter comigo à beira do lago.

E a Tonta começou a ter lições de voo. Seguindo as indicações do Riscado, corria e batia as asas, ao princípio sem qualquer resultado. Quando começava a desesperar, parecia-lhe que as patas se tinham levantado um bocadinho do chão. Nasceu-lhe uma alma nova. Insistiu, insistiu e conseguiu levantar voo. Riscado voava ao seu lado, orgulhoso da sua aluna.

Dois dias depois, o dono da manada deu por falta da Tonta. Entretanto os gansos partiram para o Sul.

Um velhote da aldeia disse que tinha visto uma vaca a voar juntamente com o bando dos gansos. Mas como ele abusava da pinga, ninguém acreditou e todos se riram dele.

A MENINA E A LUA

— Avó, para que serve a Lua?

Ao ouvir isto, a ti Antónia, limpando as mãos ao avental, não conseguiu esconder um sorriso. Lembrava-se de cada uma, aquela neta.

— Para que serve como, Luzinha?

— Ora, avó, o Sol a gente vê para que serve, para nos dar luz e calor. Mas a Lua para que é que serve?

— Para que serve... Ora, serve para... para... Olha, a Lua sempre esteve no céu e sempre há-de estar, e se lá está é porque serve para alguma coisa. Agora vem merendar para depois fazeres os deveres da escola, anda!

Ti Antónia adorava a neta, sua única família desde que a filha e o genro tinham morrido naquele malfadado desastre de automóvel. Fina como um coral, aquela miúda. Às vezes punha-se a cismar, muito metida consigo, e depois saía-se com uma daquelas perguntas que a gente não atinava como responder.

Luzinha não ficou satisfeita com a resposta da avó, que não era resposta nem nada. E continuou a pensar no assunto. Nunca falava com os outros meninos da escola destas coisas que às vezes pensava, com medo de que lhe chamassem nomes. Uma vez tinha feito uma pergunta à professora, mas ela disse-lhe que aquelas perguntas não interessavam e queria é que ela aprendesse os nomes das serras, dos rios e dos reis de Portugal.

À noite, deitada na sua cama de madeira, com a boneca ao lado, depois de a avó ter vindo dar-lhe um beijo de boas noites, olhava pela janela do quarto e via por vezes a Lua, mudando de forma ao longo do mês. E timidamente começou a falar com ela.

Nas primeiras vezes a Lua não respondeu. Devia achar-se muito importante para dar troco a uma miúda pequena, cá em baixo, na Terra, pensou Luzinha. Mas não desistiu, e todas as noites a cumprimentava: Olá, dona Lua. E uma noite, era lua cheia — sempre se lembraria disso — pelo raio de luar que entrava pela janela vieram as palavras: Olá, Luzinha.

Ficou toda contente! E não precisou de perguntar-lhe para que servia porque durante a conversa obteve a resposta: Para falar com os meninos e meninas que estão sozinhos e se sentem tristes. E durante muito tempo a Lua foi a confidente de Luzinha: era a ela que contava as tristezas e alegrias da sua existência, o que se passava na escola e em casa, o que de mais secreto surgia no seu pensamento. E a Lua contava-lhe do que via pelo mundo, que Luzinha só conhecia das imagens nos livros da escola: dizia-lhe como era belo o deserto quando ela passava lentamente por cima dele, iluminando a areia das dunas; descrevia-lhe o mar imenso, e como as ondas ficavam cor de prata quando sobre elas derramava o luar. E Luzinha ouvia, maravilhada.

As noites mais difíceis eram as de lua nova. Custava muito a Luzinha passar sem a sua amiga. Mas a Lua tinha-lhe dito que nessas noites ia falar com outros meninos que também precisavam da sua companhia. E, embora triste, Luzinha percebia que tinha de ser assim: a Lua tinha de ser amiga de todos os meninos. Ela também, na escola, estava a começar a ser amiga de todos, passadas as primeiras semanas em que foi conhecendo os outros meninos e meninas. E aquelas noites em que a sua amiga não aparecia tornavam mais intensa a felicidade que sentia quando o fino crescente, parecido com uma foice, surgia de novo no céu.

E com o passar das semanas, dos meses, dos anos, Luzinha foi crescendo. Tornou-se uma adolescente, depois uma

mulher adulta. Quase sem dar por isso, as conversas com a sua amiga foram sendo cada vez mais espaçadas, à medida que na escola e no mundo lá fora foi aumentando o seu grupo de amigos. A partir de certa altura, essas conversas pararam, ficando desde então apenas a existir na parte mais querida da sua memória. Já lá vão muitos anos, mas ainda hoje sente um prazer especial, como uma leve ternura, quando vê o luar entrar-lhe pela janela do quarto.

A escritora levantou-se da mesa junto à janela e dirigiu-se à estante. Da última prateleira tirou uma caixa de folha, pintada com cores ainda vivas, apesar de antiga. Sentou-se no sofá, pôs a caixa no colo e abriu-a. Do interior tirou um caderno, que folheou lentamente, sorrindo perante a ingenuidade dos desenhos, até chegar a um que contemplou longamente: desenhado laboriosamente a lápis de cor, mostrava uma lua em quarto minguante, amarela sobre um céu azul-escuro, e em baixo uma garota com um vestido castanho, cabelo louro, segurando uma boneca, olhando para cima. Havia qualquer coisa de triste naquele desenho: a solidão mostrada (recordada?) da menina face à Lua, o modo (desanimado?) como segura na boneca por uma perna, no frio azul da noite.

Suspirou, tornou a meter o caderno na caixa e devolveu a caixa à estante. Sentou-se novamente em frente ao computador e começou a ler, lenta e cuidadosamente, o texto apresentado no monitor.

Meia hora mais tarde deu por terminada a última revisão do conto que tinha escrito. Só faltava uma coisa: seguindo um hábito antigo, foi ao topo do documento, inseriu uma página, e escreveu: A menina e a Lua / por / Maria da Luz.

Em seguida fez *Save*, *Close* e fechou a tampa do portátil.

O SENHOR ELISEU E O CHAPÉU QUE DESAPARECEU

1. Como o senhor Eliseu perdeu o chapéu

O senhor Eliseu terminou o seu pequeno-almoço enquanto o rádio sobre a bancada da cozinha anunciava a previsão do tempo. “Céu parcialmente nublado, vento moderado a forte do quadrante Norte, descida de temperatura”. Arrumou a loiça, vestiu o sobretudo, passou pela saleta para dizer adeus ao papagaio — o Verdinho — que em cima do poleiro abria e fechava as asas e lhe disse várias vezes “Té logo” com a sua voz rouca, pôs o chapéu na cabeça e saiu de casa.

O Beco das Tílias onde ficava a casa do senhor Eliseu era uma zona relativamente abrigada, mas assim que os seus passos o fizeram entrar na Avenida dos Lilases, alinhada na direcção Norte-Sul, logo sentiu a força do vento que transportava papéis, folhas secas, um ou outro saco plástico e que o obrigaram a tirar as mãos dos bolsos para abotoar o sobretudo. *Já há muito tempo que não estava tanto vento*, pensou ele, e foi nessa altura que uma rajada lhe arrancou da cabeça o chapéu e quando o senhor Eliseu se virou já só viu o chapéu a voar, a voar, cada vez mais longe... E, entretanto, o vento brincava com a sua cabeleira branca, fazendo os cabelos mexerem-se em todas as direcções. Ficou muito aborrecido!

PREVISÕES

A voz da senhora era um pouco mais estridente do que seria desejável. Mas também o caso não era para menos!

— Estive aqui antes de aceitar ser madrinha da piquena, trouxe-lhe a data e hora do nascimento e o Mestre disse que com a conjunção de Júpiter com Vénus ela podia vir a ser uma top-model ou uma empresária de sucesso. E eu fui prá frente, e gastei uma pipa de massa no batizado, e paguei-lhe os estudos, e agora...

— E era o que os astros indicavam, dona Olímpia! Mas estes equilíbrios astrais são muito delicados, sabe... E ninguém podia adivinhar que o cometa Shoemaker-Levy ia cair em Júpiter e alterar o ascendente... — dizia o astrólogo, com um ar profundamente convencido.

— Alterar um bocadinho, vá lá, mas até ao ponto de a rapariga apanhar 2 anos e meio por tráfico de droga, acho demais, prontos!

DIA NÃO

Vi logo que ia ser um dia chato quando a begónia não me deu os bons-dias. Eu sei que estive uma semana sem lhe deitar água, mas já lhe podia ter passado a birra.

Saí de casa e o pastor alemão da vivenda em frente estava triste porque tinha perdido o dono. Murmurei umas palavras de circunstância, fiz-lhe uma festa na cabeça e fui à vida.

Entrei na pastelaria e a máquina de café não se calava. Tinha ido na noite anterior ao baile dos electrodomésticos e tinha encontrado lá uma cafeteira que nem vos conto... e dava silvos de vapor para nos fazer imaginar!

O patrão não se atrevia a mandá-la calar, com medo que ela executasse a hipoteca que lhe tinha ganhado a jogar às cartas.

Paguei com moedas de 6 cêntimos, e enquanto ele contava o dinheiro, saí, bati os braços e afastei-me a voar.

Que dia!

ÍNDICE

PREFÁCIO.....	7
---------------	---

I - NOTÍCIAS DO MEU BAIRRO

NOTÍCIAS DO TRÂNSITO	13
SÓ CULTURA, SÓ CULTURA, JÁ CHATEIA!	15
CENAS DO MEU BAIRRO.....	17
ELEUTÉRIO E O ESCRITOR FAMOSO	21
A VIDA ESTÁ DIFÍCIL PARA TODOS.....	25
<i>SILLY SEASON</i>	27
ESTÓRIA COM GATOS	29

II – É A ECONOMIA, ESTÚPIDO!

A CRISE NO MEU BAIRRO.....	33
EM DEMANDA DA REFORMA ESTRUTURAL	35
CAPITAL HUMANO	37
CATIVAGÕES.....	41
MODELOS DE NEGÓCIO	43
PERDER A FÉ É MUITO TRISTE	47

III - HISTÓRIAS DO TEMPO E DA ATMOSFERA

OLHÓ BALÃO!.....	51
A VACA QUE VOOU PARA LONGE	55
A MENINA E A LUA	57
O SENHOR ELISEU E O CHAPÉU QUE DESAPARECEU	61
O HOMEM QUE ATRAÍA A CHUVA	67
A CASA.....	71
À PROCURA DA GATA.....	79

IV - COMPRIMIDOS CIENTÍFICOS

A QUEDA DOS AGUDOS83
A PARTÍCULA DE DEUS85
O GATO DUPLICADO.....	.87
FACTORES DE IMPACTO89
UMA NOTÍCIA GEOMÉTRICA.....	.93

V - A ELEVAÇÃO DAS COISAS

EROTOMÓVEL97
BEM-VINDO AO NOSSO HOTEL....	.101
PARA LÁ DA INTERNET DAS COISAS105

VI – GUARDADORES DE LIVROS

A CARREIRA DE UM ESCRITOR POTENCIAL113
O TESOURO119
O POVO DO LIVRO123
A REVOLTA DAS PALAVRAS.....	.137
A ESCRITA INFINITA139
ETERNIDADE141
OS JARDINEIROS DA GALÁXIA.....	.149

A ESPUMA DOS DIAS

CHUVA153
SOMBRA155
RELÓGIOS & CANETAS.....	.157
NOTÍCIA DE ABERTURA159
EQUÍVOCOS.....	.161
OPEN DAY.....	.163
OPTIMISMO/PESSIMISMO165
O LEILÃO.....	.167
PROMESSAS QUEBRADAS169
PREVISÕES.....	.171
DIA NÃO173